

A FAMILIA

ASSIGNATURAS CAPITAL	JORNAL LITTERARIO Dedicado à educação da mãe de família	ASSIGNATURAS INTERIOR
Anno..... 12\$000 <i>Pagamento adiantado</i>	PROPRIEDADE DE <i>Josephina Alvarez de Azevedo</i>	Anno..... 15\$000 <i>Pagamento adiantado</i>
Typographia: rua d'Alfandega 215		Redacção: rua do Rezende n. 146

Veneremos a mulher! Santifi-
quemol-a e glorifiquemol-a!

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Com o presente numero completa
A Familia, o seu primeiro semes-
tre.

Pede-se aos Srs. assignantes, o
obsequio de mandarem reformar as
suas assignaturas, afim de não so-
ffrerem interrupção na remessa.

A correspondencia desta folha
deve ser dirigida para a Côrte,
rua do Rezende n. 146, para
onde transferimos a séde da pu-
blicação d'A FAMILIA.

A FAMILIA

Côrte, 25 de Maio de 1889.

A nossa consciencia sentia-se
tranquilla, quando lobrigando um
horoscopo de luminosa esperanza,
arrojamo-nos a senda espinhosa da
imprensa jornalística, fazendo sur-
gir esta modesta publicação.

Agora, porém, já podemos apre-
sentar uma prova exuberante das
nossas honestas intenções e firmeza
de vontade: á illustrada apreciação
uma collecção semestral, que revela
a maxima regularidade hebdoma-
daria de nossa folha.

Para quem conhece as difficul-
dades, a asperrima senda de sacri-
ficios indispensaveis para manter-
se um jornal em nosso paiz, ima-
gina perfeitamente a laboriosa e
fatigante luta, que temos vencido.

Que a leitura dessas 25 folhas,
possa acoroçoar a boa vontade de
nossas patricias no empenho de
auxiliar-nos com sua protecção é
nosso vehemente anhelos; cumprin-
do-nos assegurar que envidaremos
todos os esforços para proseguirmos
com igual regularidade, illumi-
nando as suas paginas com as luzes
de nossas talentosas collaboradoras.

Mães e mestras

CAPITULO XVII

TEMOR

Em geral as crianças são sujei-
tas ao temor. Em algumas esse
mal é proveniente da sua fraca or-
ganisação; n'outras da primeira
educação.

Se por uma vez se renunciasse a
entretel-as com historias de bruxas,
almas do outro mundo, diabos e
outros absurdos desta ordem mui-
to do gosto das criadas e das amas,
seu espirito mais cedo se fortalece-
ria pelo simples desenvolvimento
natural; ao tempo que a imagina-
ção abalada com phantasmas e
e cousas quasi sempre medonhas,
lhe é prejudicial, pela sua activi-
dade levada a extremo, ao jogo
das outras faculdades da intelligen-
cia; não fallando nas impressões
do medo, do que se entranham pro-

fundas n'alma e lhe podem alterar
o principio da coragem.

O maravilhoso gosto que nós
todas trazemos quando nascemos,
póde ser satisfeito de modo util e
agradavel na infancia por meio de
Contos que envolvam algumas
idéas sãs, instructivas, alegres ou
moraes.

Para que pelo contrario, ali-
mental-o com imagens grosseiras
de supplicios, castigos ou premios,
que fazem de uma nobre creatura
sahida do seio de Deus e destinada
a voltar para elle, um ente super-
sticioso para toda vida?

As primeiras impressões deixam
sempre no cerebro vestigio indele-
vel, e consentem ellas em temores
misturados de ignorancia e fra-
queza, é que na outra extremidade
da vida, quando o desfallecimento
das forças e o empobrecimento dos
orgãos trazem a segunda infancia,
vemos o temor assaltar o homem e
envenenar-lhe os derradeiros ins-
tantes.

Os phantasmas dos primeiros
annos voltam, assaltam-n'o, ator-
mentam-n'o e o pertubam; de sorte
que essa maravilhosa intelligencia
que muitas vezes assignalou sua
passagem por este mundo com po-
derosos trabalhos, independencia
de espirito e força de character, pas-
sa a imbecil pelo medo sujeitando-
se ao que se lhe prescreve.

Trevas e incerteza são os dous
meios atravez dos quaes apparecem
mais fortemente ás crianças os
objectos do medo. Pode esta situa-
ção provocar espasmos capazes de
lhes abalar a cabeça.

O uso de encerrar as crianças em
gabinetes escuros é perigosissimo,
e com muito mais razão ainda o de
fingir rumores proprios para as
assustarem.

O tumulto e barulho cedem
melhor á firmeza de character e o
grande sangue frio da parte dos

Não temos recebido

superiores do que a todos esses inventos que não tem no fundo mais do que crueldade.

Os perigos ignorando, a mór parte das crianças não conheciam o medo, se não fossem levadas do exemplo.

Diz Mme. Campan :

« E' verdade que qualquer subito rumor faz estremecer nervos delicados ; mas em qualquer outro caso longe de as assustar ; folgam com isso, é seu primeiro prazer fazel-o, e o som de instrumento harmonioso lhe agrada menos do que os rufos de um tambor.

« Ellas gostam todas de cavallos, porque temeriam a um ratinho ?

« Note-se mais que um ratinho branco encanta aquelles que tem medo de um ratinho pardo ; é por ser nelles quasi sempre a imitação o principio do medo. Affastai o exemplo, bani a expressão, e ellas ficarão livres dessa fraqueza importuna n'uma mulher e aviltante em um homem. »

O medo ora paralysa as faculdades, e ora ministra força sobrenatural. Se os meninos e mulheres lhe estão particularmente sujeitos, lhe fora de duvida pelo instincto da conservação que a natureza lhes reparte, porque em presença do perigo, o medo os leva ás vezes a actos de força e arrojo de que não podem saber a razão depois de passada a crise. Mas tambem elle produz effeitos que podem ser funestos porque provocão frequentes vezes prudencia tal que passa a egoismo. Elle então endurece o coração, ou ao menos lhe secca a fonte da bondade e da humanidade. Embuçada na capa da prudencia nos faz insensíveis aos vinculos do sangue, á voz da amizade, a todas as regras da justiça.

Destruir o medo ou affastal-o da tenra idade é pois auxiliar o desenvolvimento da natureza e dispor o coração para a beneficencia, dando impulso ás faculdades que o excessivo medo tende a comprimir.

Ha todavia um temor legitimo e saudavel : vem a ser aquelle movimento que leva a alma a evitar o objecto que ella crê nocivo.

« Não devemos aborrecer os homens, disse Fenelon, mas é licito ter medo delles. »

Fé

Ao rugido medonho da tormenta
Que a alma nos esmaga, nos trucida,
Não pensem que maldigo a triste vida
Nem o sopro de Deus qu'ora m'alenta;

Nem um momento só sou esquecida
De quem creou o mundo e aviventa
A flor do prado, a fera mais cruenta,
A tudo, enfim, que tem ou não tem vida.

E' doce nos agros da existencia,
Lembrarmos a divina omnipotencia,
Erguermos para o céo o coração!

Naquelle terno enlevo de fé pura
E' sempre mui feliz a creatura
Que forças vai buscar na oração.

JOSEPHINA DE AZEVEDO

A nossa educação

Contribuir para o progresso das luzes e aperfeiçoamento moral, tal deve ser o empenho d'aquelles que aspiram um elevado destino á patria, e sentem quanto ella se acha ainda d'elle distante.

A actividade consciente e racional que é o apanagio do homem, tem operado neste seculo a mais admiravel transformação; quer no mundo physico, quer no mundo intellectual; mas o triste preconceito que infelizmente predomina em muitos espiritos antagonistas do nosso desenvolvimento physico, intellectual e moral, conserva-nos ainda comprimidas nos acanhados moldes de educação que nos legou a idade media

Com rarissimas excepções os paes com uma glacial indifferença olham para o importante assumpto da educação de suas filhas, esquecidas de que ellas são as mães da humanidade, e que privado do desenvolvimento da razão e da reflexão, o espirito que não recebeu na infancia a impressão profunda e indelevel da virtude gravada pela natureza e pela educação abandonado ás suas más impressões, será eterno ludibrio de erros e paixões.

Se como diz Mme. Stael, á victoria da luz foi sempre favoravel á grandeza da humanidade, porque recusal-a a essa metade do genero humano, que exercendo a notavel

influencia sobre os costumes dos homens, produziria uma feliz modificação na outra metade? Mas é que certos espiritos refractarios do progresso social, não querem comprehender que trabalhando desveladamente pela educação de suas filhas, e modelando-a pelo estado de progresso e modo de ser da sociedade actual, trabalham para a sua propria felicidade.

Relativamente a elles podemos dizer como Chateaubriand: O gosto e a admiração do estacionario, provem dos juizos falsos que forma a cerca da verdade dos factos, porque elle suppõe que os costumes antigos eram mais puros que os modernos, completo engano acerca da natureza do homem, porque não quer ver que o espirito humano é perfectivel.»

Entretanto, seria injustiça não reconhecermos por entre as camadas profundas d'essa apathia quasi geral de muitos; d'essa indifferença e obstinação de outros, homens distinctos e esclarecidos, que animados dos mais nobres e generosos intuitos, tem prestado adhesão á nossa causa marchando á par dos povos mais adiantados, e acompanhando assim as grandes idéas do seculo.

Educar a mocidade, filtrar ás almas sãos principios tão raros hoje em dia, reprimir ou sequer moderar o pendor vulgarissimo á fome das riquezas e séde das delicias, é, na condição de um particular servir o publico utilmente, tal é o pensamento de Seneca.

A nossa primeira educação, aquella que devia ser dirigida por elevadas vistas, e que devia ser preferida na ordem do aperfeiçoamento, por ser a que tem mais influencia sobre o resultado das outras; essa boa ou má, foi o que a incuria dos nossos antecessores quiz que fosse, e pode-se assim dizer que a nossa moral nasceu ao acaso, no abandono.

Dir me-hão talvez, que os vastos horisontes do saber estão hoje patentes aos nossos olhos, e que apesar de excluidas do templo de Thenis, todavia existem estabelecimentos, onde possamos haurir uma instrucção variada e proficua; mas collocando de parte o limitadismo numero d'aquellas que o podem conseguir, toda a sciencia que coroa o escasso ensino que nos dão, consiste na leitura, escripta, contabilidade, musica, canto e

dança: quanto ao estudo das leis naturaes que contitue a hygiene, a physiologia, a historia natural, a economia e a moral, são cousas em que ninguem pensa.

E' com justa razão que os homens censuram-nos, a pouca ou nenhuma importancia que ligamos ás cousas serias, ao passo que manifestamos sempre grande predilecção pelas futilidades.

A razão d'isto provem de que, desde a infancia consideradas como idolos destinados a brilharem na sociedade, e a se alimentarem de incenso em vez de incutirem-nos virtudes n'alma e vigor no espirito, ensinam-nos o gosto da ostentação do luxo, e das banalidades, sendo que a licção de maior alcance que recebemos é agradar exclusivamente pelos atrativos do corpo. E assim sem luzes, sem experiencia, sem principios e sem idéas que nos guiem na vida e nos desviem do cairal do abysmo, quando assumimos a nobre e elevada missão de mãe, comprometemos e sacrificamos por vezes, a felicidade e o bem estar dos entes que nos são mais caros.

E' desta forma, diz um autor de nota, que vemos tantas vezes desaparecer a vida da familia, que tem tanta doçura e encantos para as almas que podem ter em commum sentimentos elevados, e congregarem-se em torno de uma idéa santa; desta maneira a moral que só se cria na familia se extingue gradualmente e deixa entrar hábitos, instinctos, usos de convenção, costumes artificiaes, sem raizes na verdadeira natureza do homem, sem norte nem relação ao fim verdadeiro, que enfraquecem a energia primitiva, sujeitando a vida a formulas caprichosas e a modos humilhantes.»

Se esses podem ser os tristes resultados da nossa educação descuidada, não devemos contudo perder a coragem, e nem renunciarmos o papel sublime que nos foi designado por Deus na familia; assim longe de ficarmos na hirta inanição dos colossos egypcios, cumprenos remediar o mal que ameaça a nova geração, convergindo todas as nossas forças, afim de guiarmos com mais carinho a educação da infancia no seu primeiro estado, e com isso podemos retribuir em parte um tanto, ou quanto de dedicação que devemos a nossa patria.

ANALIA FRANCO

Mulher e liberdade

A sociedade sem liberdade é um suplicio.

VOLTAIRE, (carta ao rei da Prussia).

Antes de entrar em materia, permitti-me abrir um parenthesis e explicar, segundo os meios de que disponho, o que se entende por liberdade. Esta palavra, alma dos grandes trabalhos, objectos de grandes sacrificios, a liberdade que todo o mortal deseja ou abraça, este sentimento que vive em todos os corações e cujo nome sagrado é venerado, embora em silencio, quantas significações não tem ella?

Entretanto, creio que o seu sentido mais proprio é « condição do ser que não pertence a senhor algum »; podemos tambem defini-la assim: livre arbitrio, faculdade que tem o ser de fazer o que lhe convier.

Mas por liberdade póde-se entender por ventura o *ocio*, a *despreoccupação*, isto é, o estado em que se não é util a si mesmo nem aos outros?

Não! A liberdade póde comprehender a faculdade de escolher entre fazer uma cousa de preferencia á outra; mas nunca póde significar negação de acção, e a razão é que, se liberdade significasse ocio ou faculdade de nada fazer, sendo o homem naturalmente inclinado á preguiça, a sociedade estaria ainda no genesis da sua civilização. A ultima accepção da palavra liberdade é pois rejeitada pela obrigação que todo o ser tem de trabalhar para o bem estar da grande familia humana.

Alem das definições expostas é certo que a palavra que me serve de assumpto póde ser tomada em grande numero de sentidos; todavia eu creio que suas significações podem ser reduzidas á tres:

1.º Liberdade natural, ou a do ser (comprehe a especie)

2.º Liberdade civil ou a do cidadão.

3.º Liberdade politica ou a do povo.

3.º Referindo-me a liberdade natural me occuparei somente d'ella.

N'uma das definições que acima dei da palavra de que é objecto este artigo, avancei que liberdade não podia significar faculdade ou livre arbitrio de nada fazer, pois que á ella está ligada a idéa

de acção. Visto que a acção traz consigo a idéa de responsabilidade de um autor e que a mulher, que faz parte da constituição da humanidade, « assume uma responsabilidade igual á do homem perante a sociedade, ella deve pois gozar dos mesmos direitos do que este porque não ha lei que naturalmente não apresente duas phases, que não ha decreto ordenando, sem o seu corollario que prohibe, porque não ha edito que impõe sacrificios sem conceder ao mesmo tempo privilegios.»

Mas onde estão os beneficios que a lei que nos carrega de impostos nos concede?

4.º « No taxation without representation », disseram os nortes-americanos, e de lá surgio a revolução cujos resultados nos são bem conhecidos.

Esta logica póde fazer crer em uma pretensão a impellir a reevindicação da liberdade feminina até a revolta, longe de mim tal intenção, porque a revolta a pé firme não seria senão a revolta permanente, e eu sou tão opposta a guerra civil no lar ou no casamento, como a guerra intestino no Estado.

Entretanto é innegavel que o homem que reconhece a responsabilidade da mulher, não somente restringe os seus direitos, a sua liberdade natural, mas ainda muitas vezes os frustra quando sem *Ella* a humanidade seria ainda nascente o que prova a *realidade* feminina tanto como a masculina.

A Providencia os creou ambos, e os phisiologistas de nossos dias, reconhece-lhe tantas aptidões como ao homem.

A sua organização physica, permite-lhe, quando cuidada e acostumada desde a meninice a resistir no campo ao lado do seu marido, aos raios ardentes do sol no momento das colheitas, de perder-se nas entranhas da terra, onde ella extrahe o carvão junto ao seu irmão, mineiro, de medir suas forças musculares as do homem na forja, fabricando a arma que mata e nas impressões onde partem as idéas que vivificam as suas faculdades

A materia encephalica masculina por acaso estaria constituida de outros elementos do que a nossa? as suas divisões estariam diversas e estas diminuitissimas differenças do volume do craneo que

Sappey mencionou fariam differença ?

Mas em que sociedade escolheu elle as dezesseis mulheres sobre quem elle tomou as medidas, e que exercicio mental é permittido á mulher para desenvolver o seu cerebro ? e mais ainda explica o anatomista porque o cerebro de Voltaire o grande philosopho era muitissimo mais leve do que o do louco Jorge III de Inglaterra e a contradicção que a analyse provou haver entre as declarações de Bichat que professava a necessidade de inteira igualdade e symetria nos lobos cerebraes e que entretanto possuia lobos de volume absolutamente differentes ?

Não, a sciencia não se presta mais a fornecer destas desculpas e mais ainda, as provas em contrario amplamente manifestadas de nossos dias se erguem, collossos para derribar estes sophismas. Se o homem possui a razão a mulher a possui igualmente ; a imaginação é tão forte no bello sexo como no sexo que se denomina de forte ; á mulher não falta a memoria ; a vontade, quem póde duvidar que ella não a tenha ?

O homem, diz se em virtude de suas aptidões é chamado á exercer uma outra ordem de funcções que a mulher ; eu quero ainda que desterreis esta mulher delicada no interior da casa, onde ella deve administrar e educar os seus filhos. Isso quer dizer que este trabalho da mulher não pede tanta intervenção da intelligencia como o faria qualquer trabalho do homem ? Não ; é impossivel acreditar que « não seja preciso de tanto bom senso para educar um filho », para dar-lhe, dia por dia, não só o leite do corpo como o do espirito ; é impossivel acceitar que não seja preciso de tanta intelligencia para firmar e cultivar uma alma novel como para construir uma machina ou vender café ! »

Vemos, portanto, que o cargo imposto á mulher não é tão simples e facil pois que é preciso de tanto trabalho para formar um espirito como para fabricar um engenho, que é necessaria de tantas aptidões para cultivar a mente de uma criança como para lavrar um campo.

Tratemos de saber agora se a mulher cumpre com as suas obrigações :

Ah ! infelizmente não. Quantas

vezes não é a mãe tão cega como a criança que ella dirige ! Floresta virgem, ella precisa de ser rodeada primeiro ; e a instrucção é o machado que deve arrancar e destruir os abrolhos que brotam no cerebro femenino.

Mas sob o nome pomposo de instrucção não se deve entender o titulo irrisorio que se dá usualmente ao Alpha dos conhecimentos.

Entretanto, quantas vezes não declaram os paes estar fechado o livro das sciencias ás suas filhas quando ellas apenas tocaram com a ponta dos dedos as cousas as mais elementares !

Eis essa moça sem idéas ou sem solidez no pouco que tem, lançada no mundo em busca de um marido que a apreciará, talvez, por sua belleza mas que certamente, nenhum commercio intellectual terá com ella.

Duas pessoas estranhas, incompreensíveis uma para outra, e para quantos annos ?...

E assim caminha a sociedade, não pensando que é a influencia vivificante da mulher que enriquece a choupana e civilisa os povos ; que é um facto incontestavel que em toda parte o abaixamento da mulher é a prova do aviltamento do homem, que em toda parte o embrutecimento do homem é a reacção do abaixamento da mulher, que a instrucção nunca terá raizes profundas senão chegar aos filhos por meio das mães as quaes têm tanta precisão de escavar os segredos do livro universal como o homem, mas as quaes não lhes concede nem direito, nem liberdade, quero dizer que o pai acha penoso gastar dinheiro para educar a filha mais prodiga de mostra quanto aos filhos, e assim frustra um ao proveito do outro.

Mlle. RENNOTTE.

Piracicaba, Maio de 1889.

A mulher e o poeta

EXCERPTO

Se, como diz Pindaro : « a vida é o sonho de uma sombra », que importa viver só de sonhos e illusões seductoras ?

Arrancar á alma as suas illusões, é mais descaroavel do que

cortar as azas a um bando de andorinhas. Para que se hão de submeter as mais formosas cousas a uma fria analyse, que nos desencanta e gela ?

O botanico destroe a rosa ao examinal-a. O poeta não pede á rosa senão o perfume ; contempla-a, dominado pelo sentimento esthetico, gosa-a sem a aniquilar tributa-lhe admiração, amor, entusiasmo e respeita-a, como o egypcio á flor doloto. O astronomo, postado no seu observatorio, quer averiguar o numero das constellações e seguir, ajudado do telescopio, a rotação dos astros ; o poeta não alimenta esse orgulho : humilha-se ante os corpos celestes, e nada mais lhes pede do que um raio de luz para afugentar as sombras das suas melancolicas noites.

O naturalista, armado do escalpelo anatomico, decompõe o corpo do pyrilampo, e reduz a brilhante mariposa a um misero esqueleto ; o poeta segue com as azas da fantasia a alada borboleta, canta as suas bellas cores, os seus caprichosos vôos e exhibe-a no esplendor da formosura. O poeta é o photographo da criação, o apostolo enviado pela Providencia.

Um poeta e uma mulher atheistas afiguram-se-me tão impossiveis como as irradiações da luz na alma do reprobato. Não, mil vezes não ! O atheu póde ser um grande versificador, mas nunca um poeta. O poeta contempla Deus com os immateriaes olhos da alma ; a mulher com a fé do seu coração entusiasta. O poeta, como a mulher, cré, ama e espera, e por isso canta a virtude. A mulher é poeta, a maior parte das vezes sem consciencia de que o é. Porque hade pois ser censurada com tanto rigor, quando brotam de seus labios melodias suaves e ternas, que affluem instinctivamente, despretentiosamente ? Acaso é responsavel o rouxinol pelos seus gorgeios ?

A mulher poeta é um rouxinol sem azas, o rouxinol do jardim da vida.

Ao poeta e á mulher confiou Deus o encargo de aformosear a existencia. A mulher e o poeta devem cumprir essa ideal missão. Gloria immortal ao poeta que canta a virtude ! Louvores á mulher que lhe incute fé para cantal-a !

MARIA CONCEPCION FLAQUER.

O jornalismo

Lancemos um golpe de vista sob o actual estado do jornalismo no Brazil.

A imprensa, a filha dilecta de Guttemberg, é, e será sempre, o facho luminoso que dissipa as trevas da ignorancia; é a luz, a verdade, a liberdade,

Mas, para que seja considerada como tal, deve ella ter tanto de energica, de seria e de elevada, como de justa, de imparcial de verdadeira.

O jornalismo perde muito de sua importancia, quando deixando de parte as serias questões que agitam o paiz e a sociedade se occupa com personalidades, com intrigas, com calumnias.

Não ha, talvez, nada mais importante e digno de attenção, do que um jornal bem escripto.

Para que consideremos um jornal e lhe colloquemos na altura que as grandes obras tem lugar é mister que elle preencha os fins a que nobremente se dispõe a imprensa.

As questões devem ser debatidas ou sustentadas sem suspeitas opiniões partidarias.

Ora, si esse não fosse o principal objectivo de um jornal, pouco merito lhe restaria.

A experiencia tem francamente demonstrado os graves prejuizos que nos proporciona um jornal, cuja redacção está confiada a homens pouco criteriosos.

Concordamos que um jornal aceite um manifesto, um protesto, uma justificação; mas que a isso se entregue, não.

Seria um menos preso á imprensa

E os jornaes que se occupam com intrigas pessoasas? Oh! para esses não ha classificação.

Os assumptos abundam por toda a parte, surge d'aqui uma questão scientifica, d'ali uma descoberta importante e d'acolá os apontamentos de um philologo. Para que, pois, procurarmos nós mesmos, o nosso aniquilamento intellectual.

Si nem todos os jornalistas podem ser Nabucos, Quintinos ou Patrocinios; podem, pelo menos ser serios e amantes do progresso. Estar-se á frente da redacção de um jornal, é mais difficil do que a primeira visto, parece,

Ter se um prelo que obedeça o pensamento, e os quattros ventos

que dispersem essas folhas, é ter-se nas mãos, milhares de intelligencias, ainda não desenvolvidas, pela inexperiencia e pouca idade, que enraizarão no cerebro, talvez para sempre, ideias e pensamentos nossos.

E é mais de que isso tudo: a revolta em acção.

Não fazem muitos annos que em uma das principaes ruas do Rio de Janeiro, Apulchro de Castro, foi despedaçado pela multidão. E porque?—Por não ter dado a imprensa, a consideração que ella merece; por ter menospresado susceptibilidades e desrespeitado as leis traçadas pela ordem publica.

O castigo foi forte de mais e até mesmo barbaro; o exemplo porém, foi edificente.

O jornalismo é a alavanca do progresso, é o dissipador do erro, quando bem dirigido, bem comprehendido.

Em caso contrario, e a guerra moral, que é peor ainda que a guerra corporal, que ensanguenta o solo e arraza a humanidade.

MARIA CLARA VILHENA DA CUNHA.

O ancião e o papagaio

FABULA

Um deputado possuia um papagaio que todos gabavam por ser alegre, espirituoso e fallador; até em occasiões opportunas fallava sobre sciencia, politica, citava vinte autores diversos, desses que aos 16 annos os collegiaes recitam com facilidade, porém que mais olvidão.

—Que talento! diziam uns.

—Que sabio! diziam outros.

«E um propheta de Platão tem a sabedoria e de Cicero a eloquencia.»

Um Ancião que o escutava sorrindo, exclamou em voz austera: «Senhores, este passaro maravilhoso possui sómente... a memoria.»

Quantas vezes ouvimos lisonjear o talento, o espirito, a eloquencia d'aquelles que não fazem senão repetir o que ouviram dizer na vespera.

LUIZA THIENPONT

O retrato da avó

O pequeno Heitor, lindo como os amores, alegre como um gorgeio, lembrou-se um dia d'uma aventura galante. Tinha elle então tres annos. Estava só, completamente só; a mãe, no interior, dava ordens á uma criada nova.

Em fraldinhas de camisa, com os mimosos pés assetinados, nús, é os cabellos soltos, viu pela fresta da porta do quarto o *violoncello* encostado n'uma parede da sala.

Que tentação. Poderia livremente tocar, tanger aquellas cordas, tirando uns sons melodiosos que fariam chorar de commoção a mãe e receber por isso beijos, applausos e doces.

Feita esta hypothese não hesitou mais o meu querido Heitor. Viu-se no grande espelho do guarda vestido, que era indecente o ir tocar descalço... lá isso era. Oh! mas ali estavam as botas do papae. Excellente, e o Heitor calçou-as. Depois pensou, e bem, que não estava completo, poz então no narizinho uns oculos escuros e na cabeça, deitado para traz, um grande chapéo alto.

Lá se foi o nosso heróe aos trambulhões até ao instrumento, que, impassivel, mudo, parecia esperal-o. Sphynge curiosa.

Heitor estendeu a mãosinha, gorda e branca, para o arco, olhou triumphante para o retrato da avó unica espectadora. Principiou mansamente, depois foi n'um crescendo orchestral, wagneriano, atordoador, impossivel. Com os olhos fechados apertadamente, movia o corpo, enthusiasmado, gritando na sua meia lingua:—Muito bem.

Alvorçada com a bulha, a mãe correu á sala, e ao ver aquelle figurão gracioso só se lembrou de uma coisa da—zanga do marido ao encontrar desafinado o *violoncello*.

Céga pelo desespero correu, para o filho tencionando punil-o.

Vendo a, a criança, assustada, apontou para o retrato da avó, desculpando-se assim:—Vóvó pediu.

A boa senhora então comovida, contemplou o retrato da mãe e achou-o tão meigo, tão cheio de candida expressão, que parecia mesmo dizer-lhe: Perdoa-lhe. Eu estava a gostar de ouvil-o...

JULIA LOPES.

Celebridade

Dizia um homem erudito, falando de Erostrato: « que os grandes crimes immortalizam tanto como as grandes virtudes ». Segundo reza a tradição, Erostrato não tendo talento nem aptidão alguma pela qual pudesse tornar famoso o seu nome, procurou obter a celebridade lançando fogo, no memoravel dia do nascimento de Alexandre, o Grande, ao sumptuoso templo de Diana em Efeso, considerado como uma das sete maravilhas do mundo.

Effectivamente, ninguem póde contestar a verdade desta asserção: os grandes crimes alcançam para os que os praticam uma immortalidade igual á que eternisa a memoria das grandes virtudes. Mas que differença no confronto !...

Ao passo que os virtuosos, os bons, os heróes das santas dedicações e dos austeros sacrificios. impoem á posteridade o seu vulto luminoso que refulge no espirito de todos que se lhe approximam, attrahidos pelo suave enfluo das suas nobres qualidades, das suas prendas singulares, — os outros, aquelles que, calcando aos pés todos os principios da natureza se tornam celebres pelos seus crimes, vivem na opinião publica sob a terrivel impressão que geralmente nos desperta o nome e a recordação dos perversos.

Ao passo que, dominadas pela grandeza d'alma dos privilegiados da natureza, nos curvamos submissas na sua passagem, uma repulsão instinctiva leva-nos a evitar o contacto dos outros, cuja terrivel reputação nol-os aponta como entes funestos; e ao mesmo tempo que se perpetua em nosso pensamento, aureolada de prestigios, a seductora memoria das grandes virtudes, um impulso innato em quasi todos os caracteres, instiga-nos a procurar de apagar do pensamento a lembrança dos crimes que o horrorisam.

E' por isso que, embora seja bem verdade que os grandes crimes tambem podem alcançar uma grande celebridade e a celebridade seja uma das cousas que mais lisongeia a vaidade humana, sempre tão difficil de satisfazer, são felizmente bem raros os exemplos dos que a procuram deixando-se resvalar no abysmo do crime e da perversidade. MARIA LUIZA DE FREITAS.

Sonho

As flores que á sombra nascem
Desabrocham desmaiadas,
Pendem as fronte tristonhas
E ali morrem despresadas,
Sem que o sol da primavera
Dê vida ás pobres coitadas !

Como a flor, abandonada
Tambem me sinto morrer,
Sem que uma só esperança
No seio veja nascer !
Sem que o sol que as flôres sonham
Nos meus sonhos possa vêr !

Sonhei em noite de febre
O sonho que vou contar;
Era uma noite formosa,
Linda noite de luar !
Vinham as brisas dos bosques
Os meus labios perfumar !

Embalada sobre as ondas
N'um batel de negra côr,
Sentia meu pobre peito
Palpitar, ebrio de dôr...
O meu vestido era branco,
De noiva trazia a flor.

Sonhei que lindos anjinhos
Cantavam triste canção...
Foi um sonho bem confuso,
O sonho que tive então !
O resto é pagina triste
Que guardo no coração !

As flores da sombra sonham
Com um sol sempre dourado !
Pobre de mim ! no meus sonhos
Nunca vejo o meu amado !
Sonho sómente co'a noite,
Com trevas só hei sonhado.

AMALIA FIGUEIROA.

Um enterro

Um dia, perto do cemiterio, o acaso tinha levado os meus passos, vi chegar-se um carro funebre, pendido todo de crepe, e adornado

de franjas e de metaes dourados. Parei.

Vi passal-o e em seguida quatro carros de acompanhamento.

Displicente foi a impressão que recebi:

No primeiro onde iam quatro pessôas, discutia-se clausula por clausula as ultimas vontades (os ultimos votos) do defunto, e discreitava-se sobre o que deixára: eram os sobrinhos. No segundo diziam: « homem honrado! bom cidadão, prestou muitos serviços... è pena! quantos beneficios ainda não poderia ter feito » eram os amigos.

No terceiro conversavam alegremente e riam-se de varias aventuras: eram uns estranhos.

Quando passou o ultimo, curiosa e attenta n'elle cravei os olhos lá não ia ninguem, e comigo disse em silencio... este sómente patenteia o luto e o pesar.

LUIZA THIENPONT

Rosa azul

Já que a natureza não houve por bem brindar-nos com esta maravilha botanica, veio o Sr. Abel Myard dar-nos uma receita facil para obter-mos com extrema facilidade uma esplendida Roza azul.

Compra-se em qualquer droguaria uma porção de anilina conhecida no mercado sob o nome de *bleu lunière* e depois de reduzida em pó, dissolve-se em agua destillida ou de chuva (e agora occasião è ocellente, porque de certo nenhuma das nossas leitoras deixa de a ter em casa).

Esta dissolução deve de ser muito concentrada.

Separadamente dissolve-se carbonato de potassa em agua uma boa pitada em 65 centilitros de liquido.

Preparados assim os dous banhos immerge-se uma Rosa branca na solução alcalina; seguida passa-se em agua pura afim de retirar todo o mordente de que ainda este-

ja impregnada; e finalmente immerge-se no banho de tintura.

Procedendo-se assim, obtem-se uma magnifica Rosa azul. Si se empregar menos carbonato de potassa de que o indicado ter-se-ha uma Rosa branca estriada e sara-pintada de azul e uma variedade de Rosa azul.

Estes resultados explica o Sr. Abel Myard.

Algumas partes da Rosa não estando completamente livres de materia gorda, não podem receber a tentativa. Succede portanto muitas vezes que estas rosas unicolors ou estriadas são largamente marginadas de azul escuro.

Si se banharem botões simi-desabrochados, ter-se-hão Rosas surprehendentes, segundo affirma o Sr. Myard.

Estes botões pintados abrem ás vezes difficilmente e por isso é necessario separar as petalas por meio do sopro ou com o auxilio de um pequeno folle.

Diz o Sr. Myard que depois de pintadas as Rosas as sacode, para fazer sahir o excesso do preparado que se encontra entre as petalas.

Si a côr chega por acaso ás folhas verdes, lavam-se com uma esponja humida.

O Sr. Abel Myard accrescenta que polviando com anilina pulverisada as Rosas de diferentes côres que estão nas roseiras, o orvalho, dissolvendo-as, faz com que se possam obter flores de côres mais caprichosas.

E' facil de suppor que o mesmo resultado se obtem com as camelias, açucenas e outras flores cuja côr seja branca ou pouco carregada.

O ramo de oliveira

Depois do jantar a minha boa amiga Maria da Gloria, cuja belleza e cujo garbo tanto tem impressionado os passeiantes da rua do Ouvidor, levou-me para seus aposentos.

Estava pallida, muito pallida, nervosa e febril, com as mãos suando um suor frio, com os olhos mareados de lagrimas

Mal chegados á sua alcova de virgem casta, onde havia apenas um suave perfume de jasmim, ella

atirou-se sobre o leito e começou a soluçar.

Contou-me as suas desgraças, a mim que fôra sempre a sua confidente, que conhecia todos os segredos de sua bôa alma pura e santa, amorosa e bella.

Culpado de tudo aquillo, de todas aquellas lagrimas e de todos aquelles soluços era o Dr. Brandão—natureza mysteriosa, cheia de altos e baixos, movediço e quente como os desertos africanos.

Jantára comnosco.

Hontem fora cheio de ternuras e de caricias para minha boa Maria. Na movimentação dolente das valsas apertara-a bem contra o peito num abraço nervoso e forte de quem ama.

Hoje, na mesa do jantar, diplomaticamente sério, elle não tivera nem uma palavra de ternura, nem um olhar avelludado desses que cahem sobre nós, tepidos emacios como um sahida de baile

E, sentindo-se assim depresada, a minha boa Maria soluçava tristemente na sua alcova de virgem.

Procurei acalmal-a, tentei explicar-lhe aquellas bruscas mutações de scena em que era tão fértil o Dr. Brandão e que pareciam-me apenas outras tantas provas do seu grande amor.

Não o comprehendia assim a minha boa Maria—aquella rapariga formosa que passava sempre entre alas de admiradores e que alli estava junto a mim chorando amargamente, maldizendo sua sorte e declarando-se muito desgraçada.

Depois de muita reluctancia consegui della a promessa de um bocadinho de calma. Eu iria conversar com o doutor, sondar-lhe o coração e descobrir a causa daquella secura que tanto atormentava a minha boa Maria—a minha antiga companheira dos brinquedos de criança.

Encontrei-o na sala de visitas, de pé, encostado ao piano, muito sério fumando um charuto.

Disse-lhe que precisavamos conversar, e elle, dobrando o corpo na attitude galante de um fidalgo da renascença, conduziu-me até á janella.

Fallei-lhe, expuz-lhe tudo quanto sabia, criminei-o pela maldade com que tratava a quem tanto merecia, a quem estava disposta a dar-lhe toda a sua mocidade e todo o seu futuro.

Fui um advogado cheio de elo-

quencia, fazendo vibrar apaixonadamente todas as notas que julguei capazes de convencer aquelle homem de gelo que me ouvia muito em silencio, sem articular uma palavra.

Mas quando terminei, quando supuz inteiramente perdida a causa da minha amiga, o doutor voltou-se para mim e disse-me muito sério, sem uma alteração na voz:

— Eu acabo de pedir a mão da nossa boa Maria! Espero aqui a resposta. E por isso não quiz falar-lhe hoje. Preparava-lhe uma surpresa.

Regressei apressadamente ao quarto da minha bella companheira de infancia, feliz e contente de mim mesma, levando esse ramo de oliveira que deverá mais tarde converter-se em grinalda nupcial.

LUCIA DE MACEDO.

CHIQUINHA

Ha certas boccas mimosas
que cheiram mais do que as rosas
no jardim;
são uns frasquinhos de essencia,
tem a sua suave dormencia
do benjoin.

Minha querida Chiquinha:
tua mimosa boquinha
é assim;
tuas phrases perfumosas
cheiram mais do que as rosas
do jardim.

Teu coração é um'ave
que canta terna, suave...
que primor!
Se assim eu fosse dotada
de uma alma tão perfumada
como a flôr;
juntar-te-hia a saudade,
a minha terna amisade
para ti;
teria phrases mimosas
como aquellas que saudosas
recebi.

MARIA LUCIA ROMARIZ.

THEATROS

SANT' ANNA

A *Gran Via*, zarzuela em 2 actos e 5 quadros, foi a ultima no vidade que nos deu a companhia Heller.

A peça está ricamente montada, e o seu desempenho é brilhantissimo por parte do Vasques, Mattos, Peixoto, Colás, Mesquita, Germano, Mme. Lopicolo e Izabel Porto.

E' de justiça dizer se que é a primeira vez que a *Gran Via*, é bem cantada no Rio de Janeiro, tornando-se digno de menção a walsa do Cavalheiro de Graça e o Côro dos Marinheiros.

As enchentes succedem-se umas após outras, para regalo do empresario e do publico.

RECREIO

O *Bendegó*.

VARIÉDADES

Frotzmac, com o seu novo quadro *Victoria á Frontin*.

NOVIDADES

A nossa illustre collaboradora, Mlle. Rennotte, professora de linguas, historia e sciencias naturaes, do collegio Piracicabano, segue em breve a visitar a Exposição Universal, e de lá irá aos Estados Unidos, formar-se em medicina.

Como nos promette a nossa illustre companheira de trabalho, far-se-ha *A Familia*, representar na Exposição Universal, por intermedio de sua pessôa.

Assim pois, terão as nossas leitoras, noticias de Pariz e Estados Unidos, devidas á penna da nossa illustre collega.

O festejado escriptor Valentim de Magalhães, tem no prelo mais um livro de sua lavra, ao qual denominou *Esriptores e Esriptos*

Anciosas o esperamos.

Conferencias

A nossa collega Luiza Thienpont, realisa brevemente no Theatro Empyreo. de Campos, a sua primeira conferencia, versando sobre a educação da mulher.

Bravo!

COMO NOS TRATAM

A FAMILIA

A séde da redacção da folha litteraria dedicada a educação da mãe de familia— *A Familia*, mudou-se de S. Paulo para esta côrte, á rua do Bezende n. 146.

O bem redigido periodico continuará sob a direcção da nossa distincta compatriota a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo e sob a activa gerencia do Sr. Dias Barros.

Do *Diario do Commercio*

— *A Familia*—N. 24—Conservando o mesmo programma e o mesmo pessoal de collaboração, o apreciavel periodico paulista de que é principal redactora D. Josephina de Azevedo, inicia com este numero a sua publicação no Rio de Janeiro.

Saudamol-o e desejamos-lhe seja prospera a nova phase.

Do *Paiz*

A FAMILIA

Recebemos hou'em a vista do n. 24 d'esta importante revista semanal, actualmente com a sua redacção n'esta Côrte, á rua do Rezende n. 146. Este numero é o primeiro publicado n'esta cidade.

A nossa gentil collega é redigida pela Exma. Sra. D. Josephina de Azevedo e collaborada por diversas senhoras de talento.

Traz importantes e bem escriptos artigos sobre assumptos que interessam as mães de familia, bem como sobre litteratura, cuja leitura recommendamos.

Agradecemos a remessa do numero que nos foi gentilmente enviado pela amavel redacção, por intermedio do seu infatigavel gerente, o Sr. Dias de Barros, e desejamos á *Familia* prosperidade e longa prole.

Do *Diario de Noticias*

«*A Familia*», revista litteraria semanal, de que é redactora a Exma. Sra. D. Josephina de Azevedo, transferiu a sua séde de S. Paulo para esta côrte.

Distinctas senhoras collaboram

nesta interessante publicação, sem duvida muito digna do apoio das familias brasileiras.

Comprimentando a talentosa redactora desta revista, fazemos votos para que o valioso serviço intellectual que está prestando ás familias brasileiras tenha o acolhimento que merece.

Do *Novidades*.

Recebemos o n. 24 da *Familia*, interessante revista semanal de que é redactora a Sra. D. Josephina de Azevedo. E' bem redigida essa revista que tem por gerente o Sr. Dias Barros, e conta grande numero de collaboradoras.

Da *Gazeta de Noticias*.

A FAMILIA

Recebemos o n. 24, 1º anno da revista semanal *A Familia* de que é redactora D. Josephina de Azevedo e são collaboradoras diversas senhoras. *A Familia*, que se publicava na cidade de S. Paulo, transferio a sua séde para esta cidade. Do *Jornal do Commercio*.

A Familia. Para mais dignamente recebermos a visita desta interessante revista, que está agora no vigor dos seus 24... numeros e que é tão elegantemente redigida pela Sra. D. Josephina de Azevedo, corremos a enfiar as luvas de pellica; pois achamos que a uma dama só se deve estender a mão finamente enluvada. Cremos desnecessario repetir á distincta collega que é sempre recebida nesta casa com especial agrado.

Com a graciosa toilette com que se nos apresentou, vestindo assim um estylo tão justo e enfeitado com tão bellas flores... de rethorica, faz jus aos nossos mais repetidos cumprimentos. Que viva longos annos é o que mais desejamos á amavel collega.

Da *Tribuna Liberal*.

Recebemos n. 24, I, d' «*A Familia*», revista semanal de que é redactora a talentosa escriptora D. Josephina de Azevedo.

O presente numero está brilhantemente redigido, quer quanto á prosa que é excellente, quer quanto aos versos que são lindos.

A «*Familia*», a continuar assim e auxiliado pelo sympathico grupo das gentis collaboradoras, cedo alcançará os triumphos que merece.

Da *Gazeta da Tarde*